

Colaboração intercultural

1º de maio de 2021



Por Episcopisa Linda J. Adams

Bam! Assisti com horror quando o capô do meu VW Jetta se dobrava como papel alumínio enquanto eu buzinaava com todas as minhas forças. O motorista do grande caminhão na minha frente tinha batido tão rápido em mim que destruiu meu carro em dois segundos.

“Eu sinto muito!” - ele gemeu. “Eu não te vi, mesmo!”

Eu acho que a carga empilhada na parte de trás de sua caminhonete bloqueou a visão de seu espelho retrovisor, e os espelhos retrovisores laterais estavam muito abertos para ver meu pequeno carro. Eu estava em seu ponto cego. Ele não queria bater em mim. Ele simplesmente não me viu.

É mais ou menos assim com pontos cegos transculturais. Sem a intenção de causar danos, fazemos suposições falsas sobre a existência das pessoas, porque as vemos apenas através de nossas próprias lentes culturais. Como Jesus advertiu, podemos muito bem ter uma trave em nossos próprios olhos enquanto apontamos o cisco de serragem no olho da outra pessoa (Mateus 7: 1-5). Um provérbio africano diz assim: “Os estrangeiros têm os olhos bem abertos, mas vêem muito pouco”.

Para o contexto americano, é significativo saber que 75% dos brancos têm “redes sociais inteiramente brancas sem qualquer presença de minoria” e que o mesmo tipo de realidade é verdadeira para quase dois terços dos americanos negros (A terceira opção: esperança para uma Nação racialmente Dividida por Miles McPherson, citando estatísticas do Public Research Institute).

Essa divisão social cria inevitavelmente pontos cegos. Como podemos aprender a não julgar uns aos outros, se não nos entendermos uns aos outros? Podemos encontrar maneiras de “caminhar um quilômetro colocando-se no lugar do outro”? (*walk a mile in each other's shoes?*) Como podemos trabalhar de forma colaborativa para alcançar a variedade de pessoas em nossas cidades e comunidades com a Boa Nova de Jesus, se vivemos isolados uns dos outros?

Para muitos Metodistas Livres nos Estados Unidos, a exposição intercultural foi experimentada pela primeira vez em viagens missionárias internacionais de curto prazo. Dezenas de milhares de pessoas fizeram viagens de Voluntários em Serviço no Exterior (VISA - sigla em inglês) para visitar e servir em outras partes do mundo. Quase sempre, as equipes VISA voltam para casa relatando experiências reveladoras e humilhantes: “As pessoas que conhecemos tinham tão pouco, mas eram tão generosas!” “As crianças eram pobres, mas tão felizes!” “A adoração vibrante da igreja durou três horas e ninguém se cansou!”

Impressões duradouras muitas vezes foram formadas em torno de memórias de fé apaixonada, hospitalidade sacrificial, solidariedade familiar e comida deliciosa e exótica. A beleza de outra cultura estava em plena exibição e a equipe da VISA finalmente percebeu: “Fomos ajudar, mas na verdade descobrimos que estávamos lá para Deus abrir nossos olhos para nós mesmos e nosso mundo. Aprendemos muito mais do que ensinamos.” E esse é, de fato, um motivo para enviar equipes. As pessoas ganham com a experiência transcultural um a um. (*Crossing Cultures 101*)

Mas é claro, apenas as lições mais básicas podem ser aprendidas em uma ou duas semanas. E às vezes as aparências enganam e ficamos tão cegos ao impacto de nossa própria presença e cultura que nosso aprendizado é deficiente. Como podemos ir além das primeiras impressões da relação educada entre anfitrião e o hóspede, e começar a entender em um nível mais profundo? Como podemos obter uma visão de mundo moldada pela inteligência intercultural em vez de realidades superficiais?

É aí que entra a colaboração. Precisamos uns dos

outros. Quando nossos irmãos e irmãs ao redor do mundo se tornam nossos verdadeiros parceiros, assumimos uma postura de aprendizado com eles. Quando eles reconhecem em nós o desejo de sermos verdadeiros co-laboradores, podem falar a dura verdade, fazer perguntas difíceis e aprender conosco também. Todos nós vamos além de julgar com base nas aparências externas para apreciar algo mais próximo do que Deus vê, o coração (1 Samuel 16:7). A humildade pode levar ao conhecimento verdadeiro, que aumenta o amor e o respeito, e fortalece nossa missão compartilhada. Às vezes, as pessoas que começaram a ter os olhos abertos passam a se educar mais por meio da leitura, ingressando em grupos ou fazendo cursos como Perspectivas ou que envolvem o IDI (Inventário de Desenvolvimento Intercultural). (cursos específicos)

As Missões Mundiais Metodistas Livres agora trabalham em 98 países. Também celebramos a existência de 19 conferências gerais, cada uma regida por seu próprio Livro de Disciplina, bispos e juntas. Abraçamos o caminho do envolvimento entre culturas, indo além das velhas mentalidades em direção a uma profunda colaboração intercultural. A igreja em muitos países envia missionários para alcançar outras tribos e grupos linguísticos em seu próprio país, bem como para evangelizar e levantar líderes e igrejas em outras nações. Nos Estados Unidos, damos as boas-vindas aos líderes cristãos que imigram para cá, reconhecendo sua capacidade única de organizar novas igrejas cheias de imigrantes de sua região do mundo. Em todos esses casos, reconhecemos nosso próprio ponto de vista limitado e reconhecemos como Deus projetou o corpo de Cristo para cooperar para um bem maior.

Esforços semelhantes estão começando na igreja aqui em nossa sociedade americana racializada (em raças), mas o processo envolve trabalho árduo e fica muito confuso. Perguntei a um pastor amigo afro-americano como ela vê nossa realidade. Ela respondeu: “Pela minha experiência, a maioria das pessoas dentro da igreja está aberta a ter uma igreja multirracial, mas não multicultural. Isso acontece porque estamos abertos para permitir que outros venham e COMPARTILHEM nossa experiência, mas não estamos tão ansiosos para permitir que outros venham e MUDEM elas. Outros podem se tornar um de nós, mas nem sempre permitimos que permaneçam fiéis a si mesmos. O que está faltando é uma conversa profunda (e muitas vezes dolorosa) para construir relacionamentos significativos. Precisamos explorar diferentes perspectivas sobre história, cultura, evangelho e política. Isso requer muito tempo e energia. Não há maneira de contornar isso. Há menos pessoas dispostas a participar para esse tipo de colaboração!”

Se o curso básico de “*Crossing Cultures 101*” foi oferecido no mundo todo, por que o curso intermediário de “*Crossing Cultures 101*” não pode ser oferecido em toda a cidade? Pode e deve!

No verão passado, entrevistas com nossos bispos

e vários líderes afro-americanos eleitos na Igreja Metodista Livre foram transmitidas ao vivo para que outros pudessem ouvir suas perspectivas sobre a justiça racial. Durante o ano passado, centenas de Metodistas Livres leram livros e se juntaram a grupos para ouvir e aprender intencionalmente além das linhas raciais, expandindo-se além do branco/preto para explorar a vida do ponto de vista de irmãos e irmãs latinos, asiáticos, nativos americanos e multirraciais. Muitos começaram a notar como nos distanciamos do “outro”, se essa alteridade envolve gênero, etnia, religião, partido político, idade, diferenças de capacidade ou qualquer outra característica que nos separa. As conversas estão acontecendo. Às vezes, lamentamos o que foi perdido. Às vezes, nos arrependemos de nossa cumplicidade e pontos cegos. Estamos sempre procurando oferecer graça nesta jornada para nos tornarmos um em Cristo e experimentar uma expressão plena e diversa dessa unidade em toda a nossa igreja.

“*The love required of us*”, por Liz Cornell, faz parte dos livros recomendados do currículo Metodista Livre que está sendo usado em várias igrejas em todo o país para promover a compreensão transcultural no corpo de Cristo. Testemunhos de como Deus está usando esses grupos para transformar vidas e comunidades estão agora sendo compartilhados. Uma maior diversidade está sendo procurada e bem-vinda. Áreas de cegueira cultural estão entrando em foco, levando à admissão: “Antes eu era cego, mas agora posso ver”. Visite freemethodistbooks.com para solicitar o exemplar como um livro físico ou como um e-book/PDF.

Feitos para a Unidade

Colaboração é essencial para ser humano. Por quê? Porque mesmo Deus não é solitário, mas existe em uma comunidade perfeita de três em um. Ser feito à imagem de Deus - como todos nós somos, completamente e igualmente - significa que fomos feitos para relacionamentos de amor e reciprocidade. O desígnio de Deus é para shalom, “uma inter-relação pacífica que busca ativamente o bem-estar dos outros” (*Theology of Missions - Free Methodist World Missions*).

Deus deseja que todas as pessoas experimentem este Shalom. Tragicamente, os primeiros capítulos do Gênesis mostram uma terrível divisão resultante da queda da raça humana, começando com a inimizade entre o homem e a mulher, depois entre seus filhos Caim e Abel, envolvendo finalmente toda a sociedade humana. O resto da história da Bíblia revela o plano a longo prazo de Deus para reverter a maldição e recriar o Shalom. Ao longo do caminho, Deus convida as pessoas a cooperarem com Ele nesta histórica obra de redenção, criando unidade entre todos os povos sob o senhorio de Cristo.

Quão bela é a maneira que Jesus nos mostra como ultrapassar barreiras para descobrir e experimentar a comunidade! Imagine sua conversa com a mulher samaritana no poço no quarto capítulo do Evangelho de João. Ela entende claramente a barreira divisória de hostilidade entre eles: cultural e religiosamente, Ele é judeu; ela é uma samaritana. (João explica no versículo 9 para garantir que nós, os de fora, saibamos - “Os judeus não se associam com os samaritanos”.) Ele é um homem; ela é uma mulher. (Na cultura de Jesus, seus discípulos ficaram chocados ao vê-lo conversar com ela.) Ele é um rabino santo; ela tem uma história e tanto. (Até mesmo conversar com ela mancharia Sua reputação!)

Mesmo assim, Jesus lhe contou sobre o plano expansivo de Deus para a raça humana. Os verdadeiros adoradores que o Pai busca não são apenas judeus - ela pode ser uma verdadeira adoradora! Ele revela que é o Messias há muito tempo esperado - tanto para o Seu povo quanto para o povo dela. A cena termina com toda uma aldeia samaritana acreditando em Jesus, disseram à mulher: “Agora cremos não somente por causa do que você disse, pois nós mesmos o ouvimos e sabemos que este é realmente o Salvador do mundo”. (João 4:42).

Enquanto os discípulos de Jesus observavam, Ele os desafiou a abrir os olhos e ver a colheita frutífera entre os samaritanos. O trabalho de convencê-los de que a missão de Deus se estende a todos os grupos de pessoas estava apenas começando. A colaboração do Reino deu um pequeno passo à frente. Jesus reuniu um grupo diversificado de discípulos - homens judeus cuja política e estilo de vida nunca se misturariam em uma comunidade unida sem Ele. Enquanto eles o seguiam e aprendiam, Ele não apenas os convidou a ver esses samaritanos como candidatos para Seu movimento; Ele mostrou misericórdia a um centurião romano, um enviado do odiado governo opressor. Ele surpreendentemente deu as boas-vindas às mulheres para viajar com eles e fornecer apoio financeiro. Ele tocou leprosos e aceitou a oferta de uma mulher com uma reputação duvidosa para lavar Seus pés. Ele comia nas casas de cobradores de impostos e pecadores. Ele, sem medo, graciosamente superou as barreiras que dividem as pessoas em grupos internos e externos.

Em termos de nossos estereótipos, Ele combinou a multidão da *Waffle House* com a da *Starbucks* (lojas de comida muito especializadas em waffle e café); colarinho azul com colarinho branco; pessoas de direita, esquerda e aqueles que dizem ‘me deixem fora da política’; tudo em um movimento de Jesus. Ele caminhou com eles por três anos, proclamando e demonstrando o reino por meio de Seus milagres e ensino. Então, Ele os enviou dois a dois para que experimentassem Seu incrível poder ao levar as Boas Novas a novas cidades e vilas. Por meio desses apóstolos atônitos, pessoas foram curadas e os demônios expulsos. O reino de Deus veio para o aqui e agora.

Como faremos para vir de lá para cá?

O livro de Atos mostra a expansão impressionante da igreja de um grupo de pessoas para outro. O Dia de Pentecostes no Capítulo 2 marcou a cooperação do Espírito Santo em direção a esse grande objetivo, enquanto pessoas de todo o mundo conhecido, ouviam a mensagem de Jesus em sua própria língua. À medida que a perseguição espalhou os crentes, a mensagem se espalhou como um incêndio, mas atingiu algumas barreiras culturais ao longo do caminho. Por exemplo, no Capítulo 6, surgiu uma disputa porque as viúvas judias de fala grega estavam sendo discriminadas na distribuição de alimentos. A questão foi resolvida com a escolha de sete diáconos com a cultura e o idioma certos para atender às necessidades dessas mulheres negligenciadas. Barreira superada.

O capítulo 8 descreve Filipe, um desses diáconos, experimentando uma tremenda conversão a Jesus entre os samaritanos, com sinais e maravilhas que demonstraram o poder curador de Deus. Logo depois disso, um anjo envia Filipe para encontrar um oficial do governo etíope que estava deixando Jerusalém de carruagem. Felipe simplesmente obedece, e uma conversão incrível acontece. Felipe batiza o oficial e depois desaparece milagrosamente. O etíope leva as Boas Novas de Jesus de volta para casa, na África.

O capítulo 10 conta a história de um judeu, Pedro, superando uma vida inteira de preconceito contra os gentios enquanto Deus orquestra um encontro com o centurião romano chamado Cornélio. Confirmado através de visões paralelas e um poderoso derramamento do Espírito Santo sobre uma família inteira de gentios, o muro entre judeus e gentios foi rompido. O livro de Atos leva a história adiante, com a mensagem cruzando barreiras ao longo do caminho até Roma.

Isso começa a cumprir as promessas de Deus no Antigo Testamento de que, por meio dos israelitas, Deus finalmente abençoaria toda a terra. Desde a criação de todas as coisas em Gênesis até a restauração completa de todas as coisas no livro de Apocalipse, o objetivo de Deus tem sido unir todas as coisas em Cristo. Apocalipse 7: 9-10 retrata o quadro: “Depois disso olhei, e diante de mim estava uma grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro. Eles vestiam túnicas brancas e seguravam ramos de palmeira nas mãos. E clamavam em alta voz: ‘A salvação pertence ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro.’”

Um pouco do gosto do Céu

Cerca de 300 de nós tivemos um gostinho dessa cena há algumas semanas em uma reunião global de oração por Zoom liderada pela Missões Mundiais Metodistas Livres. A tradução estava disponível em nove idiomas. Quatro pessoas da Ásia conduziram a oração pela Europa. Quatro do Oriente Médio oraram pela África. Quatro africanos oraram pela América Latina. No final, cada continente ofereceu intercessão pelos outros continentes, e todos receberam a bênção de orar e receber oração. Foi poderoso! No final, o organizador disse-nos que podíamos reativar o som para nos despedirmos. Por cinco minutos inteiros, bênçãos e despedidas foram proferidas em nove idiomas. Ninguém queria ir embora! Foi como uma reunião de entes queridos há muito perdido, estendendo-se para um abraço virtual, alguns chorando, exclamando, “Eu te amo!” “Deus te abençoe!” “Até a próxima vez!” Percebemos que a maioria de nós nunca se encontrará pessoalmente na terra, mas, unidos em Cristo e unidos como um movimento global para a causa de Cristo, amamos uns aos outros mesmo agora e temos a certeza de um grande encontro no céu.

Sempre que experimentamos uma unidade sobrenatural que transcende as divisões humanas naturais, descobrimos que somos parte da resposta à fervorosa oração de Jesus. Pouco

antes de Sua prisão, crucificação e ressurreição, Ele orou:

“Minha oração não é apenas por eles. Rogo também por aqueles que crerão em mim, por meio da mensagem deles, para que todos sejam um, Pai, como tu estás em mim e eu em ti. Que eles também estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. Dei-lhes a glória que me deste, para que eles sejam um, assim como nós somos um: eu neles e tu em mim. Que eles sejam levados à plena unidade, para que o mundo saiba que tu me enviaste, e os amaste como igualmente me amaste.”

João 17:20-23

Nossa unidade traz glória a Deus. Nossa unidade convence o mundo de que o Pai enviou o seu Filho. Nossa unidade comunica a um mundo que observa o amor indizível de Deus. Vamos fazer o que for preciso para buscar e encontrar essa unidade. Tudo está em jogo.

Episcopisa Linda J. Adams, D.Min., Foi eleita para a Junta de Bispos na Conferência Geral de 2019 após servir 11 anos como diretora da ICCM. Ela serviu anteriormente como pastora em Nova York, Illinois e Michigan. Como bispo, ela supervisiona os ministérios Metodista Livre nas regiões Centro-Norte e Norte dos Estados Unidos e também na América Latina.